

O JOGO DO IMAGINÁRIO E A MORTE SOCIAL EM A CASA DA MADRINHA

Luciana Aparecida Silva (UFU)
matheusornelas@yahoo.com.br

RESUMO: As obras da escritora Lygia Bojunga são famosas não apenas pela qualidade indiscutível de sua escrita, mas também pelo fato de abordar temas que normalmente são excluídos das obras direcionadas ao público infantil e infantojuvenil. No caso do livro *A casa da madrinha*, a personagem Alexandre é um garoto que vivencia a miséria e o abandono em seu dia a dia, não deixando, entretanto, de sonhar e ambicionar um lugar onde suas necessidades básicas de pequeno cidadão sejam respeitadas. Em sua luta contra a morte social e a falta de perspectivas, Alexandre utiliza a imaginação como arma. Ao contrário de ser um modo de fuga da realidade opressora, seu jogo do imaginário tem como objetivo a criação de um mundo simbólico que o auxilie a enfrentar seus medos, angústias e a evitar o aniquilamento de seus sonhos.

PALAVRAS CHAVE: imaginário, infância, Lygia Bojunga, morte social

A partir do século XVII, o papel da criança começou a ser revisto pela sociedade, período no qual deixou de ser considerada um adulto em miniatura e passou a ter direito ao amor e proteção familiar e a uma formação escolar. Nesse contexto, começaram a surgir produções literárias com o intuito de auxiliar na sua formação moral durante a infância, com fins notadamente pedagogizantes: os livros infantis.

Desde seu surgimento, a literatura infantil e infantojuvenil tem como característica poupar a criança de temas “fortes”. Por essa razão, assassinatos, estupros, suicídios, miséria, sexo e outros temas considerados tabus sempre estiveram fora das produções literárias dedicadas aos pequenos leitores. Os contos de fadas, originalmente menos inocentes do que os conhecemos hoje, passaram por uma cuidadosa adaptação dos Irmãos Grimm para se tornarem adequados ao público infantil.

Ainda hoje, o que encontramos nos inúmeros títulos de literatura infantil lançados a cada ano é a mesma preocupação em não se tratar de assuntos que possam chocar ou traumatizar as crianças. Tal escolha é justificável se levarmos em conta o crescimento do mercado editorial dedicado à literatura infantil e os autores têm consciência de que, para terem boa aceitação por parte de pais e educadores - pois são eles que decidem o que as crianças podem ou não ler - é preciso se adequar. Esquecem-se de que a violência, o preconceito e a miséria estão no cotidiano de todos, adultos e crianças, não apenas na televisão e na internet, mas também em situações do dia a dia.

Lygia Bojunga Nunes (ou simplesmente Lygia Bojunga, como é conhecida) é uma escritora que foge a essa regra. Muitas de suas obras focalizam os temas normalmente considerados tabus na literatura infantojuvenil. Solidão, morte, violência, fome, preconceito e

estupro encontram lugar em seus livros. Não há uma idealização da infância e a criança não é poupada dos dramas humanos pelo simples fato de que ele fazem parte da vida. Não é excluindo esses temas da literatura infantil que eles deixarão de fazer parte da vida dos pequenos cidadãos. Além disso, é preciso deixar de enxergar a criança como um ser que não é capaz de compreender e trabalhar esses temas, pois muitos pais e educadores simplesmente menosprezam a inteligência da criança.

Dessa forma, a autora respeita o leitor mirim e trata a literatura infantil com o devido valor, colocando-a, neste aspecto, em nível de igualdade com as obras dedicadas aos adultos. Hunt (2010) corrobora essa opinião:

A suposição de que a literatura infantil seja necessariamente inferior a outras literaturas - para não falar que é uma contradição conceitual -, é, tanto em termos linguísticos como filosóficos, insustentável. Implica também uma [...] perspectiva ingênua da relação entre leitor e texto e uma total falta de entendimento tanto das habilidades da criança-leitora como da forma como os textos operam. (HUNT, 2010, p. 48)

Entretanto, o fantástico e o maravilhoso também têm lugar no dia a dia das personagens bojunguianas, dialogando com seus medos, inseguranças, dores e esperanças. Dessa forma, o imaginário infantil atua como atenuante das angústias durante as mudanças físicas e psicológicas tão comuns nas etapas de crescimento.

A morte é um tema constante na produção de Lygia Bojunga. Neste caso, além da morte física (assassinato, suicídio), também encontramos dois outros tipos de morte. As metafóricas ou *pequenas mortes* “[...] são vivenciadas através da conscientização da passagem do tempo, de separações amorosas ou situações que provocam rompimento e perda”. (LOTTERMAN, 2006, p. 32). No livro *A casa da madrinha*, há ainda outro tipo de morte: a social, que pode ser entendida como uma forma de morte ainda em vida e que está presente no cotidiano de milhares de brasileiros. São indivíduos que não possuem condições mínimas para viver dignamente, caso da personagem principal do referido livro.

Alexandre é um garoto que busca seu lugar na sociedade, visto que vive em um espaço que o aprisiona: a favela, onde imperam a pobreza e a privação das necessidades básicas de subsistência. Além disso, sua família é desestruturada – seu pai é alcoólatra e não trabalha - o que significa que ele também é privado de carinho, amor e atenção. A miséria é evidente em suas roupas, em seu rosto, é como uma marca:

Alexandre é, portanto, um misto de frustrações sociais: sua casa não corresponde ao esperado pela sociedade; sua família não corresponde ao modelo familiar estruturado; sua aparência lhe denuncia a origem pobre e ele mesmo não corresponde à criança que nossa sociedade quer formar. (SANTOS, 2006, p. 64).

A ele não é permitido ter infância, pois tem que trabalhar para ajudar no sustento da família. Começou sua vida de trabalhador infantil cedo, primeiro vendendo amendoim, biscoito e sorvete na praia e depois nas ruas do Rio de Janeiro, driblando os carros para conseguir táxis para os turistas.

Seu cotidiano não condiz com o considerado “normal” para uma criança. Sua vida é desumana, focada na luta pela sobrevivência:

[...] Já tinha quatro garotos *trabalhando* naquele ponto. Fizeram cara feia quando viram Alexandre chegar (quanto mais garoto querendo pegar o mesmo táxi, mas eles tinham que brigar). Empurraram Alexandre, xingaram ele, fizeram tudo pra ele ir embora. [...] Era duro. Tinha que escapar de ser empurrado, tinha que escapar de tanta coisa, que chegava em casa de língua de fora. Foi daí pra frente que ele deu pra pensar cada vez mais seguido na casa da madrinha. (CM, p. 87, grifo da autora).

A escola, lugar que configurava a possibilidade de um futuro melhor, com menos incertezas, frequentou por pouco tempo, pois teria que voltar a trabalhar para ajudar em casa.

Seus sonhos não incluem brinquedos caros, televisão, vídeo game, fama ou sucesso: quer apenas uma vida digna, direito de todo cidadão. Sua infância foi roubada, mas seus sonhos são grandes o bastante para passar por cima da batalha diária pela sobrevivência e aflorarem, numa tentativa de não perder as esperanças de um futuro menos opressor.

Para os pais de sua amiga Vera, ele é um menino “largado”, uma má companhia para a filha, de quem ela deve se afastar. O garoto, que passa por tanto sofrimento físico e emocional, percebe que também é um excluído socialmente, indigno de conviver com pessoas “de bem”.

Assim, Alexandre (com a ajuda de seu irmão Augusto) utiliza sua imaginação para afastá-lo da realidade cruel em que vive, passando a vislumbrar um novo espaço onde, além de aplacar sua fome, terá seus direitos de criança respeitados.

A casa da madrinha constitui, assim, o único lugar onde pode deixar para trás a falta de oportunidades e de perspectivas, além do sofrimento por ser vítima do olhar preconceituoso da sociedade.

Na construção da casa imaginária, os garotos a desenham como a casa da favela, apenas utilizando cores mais alegres e agradáveis. Além disso, é um lugar que acolhe também sua família, seus amigos e todos os marginalizados pela sociedade, que buscam ser reconhecidos como seres humanos. As crianças se encaixam no perfil de relegados, incompreendidos e injustiçados, como afirma Peter Hunt (2010, p. 93):

No passado, houve considerações radicais sobre a infância, da criança bom-selvagem do Romantismo, que está próxima de Deus, até a criança gerida má em consequência do pecado original. Em sociedades muito pobres, onde a taxa de mortalidade infantil era ou é muito alta, a infância como um estágio isolado de desenvolvimento dificilmente é possível. Se a infância é definida em termos de falta de responsabilidade, existem muitas sociedades em que mal se pode dizer que ela exista.

Na casa da madrinha há um armário que, toda vez que é aberto, está repleto de todo tipo de comida, para aplacar a fome dos que possuem um “buraco” na barriga. O relógio bate atrapalhado, demonstrando os diferentes tempos: o da criança e o do adulto. Enquanto o tempo dos adultos é cronometrado pelo relógio e pelo calendário, o tempo infantil é quase um “não tempo”, visto que é medido pelas idas e vindas da imaginação.

Não há adultos na casa, ou seja, a relação dominadora entre adulto e criança é inexistente, assim como outras formas de dominação social. Não há preconceitos de nenhuma espécie, nem hierarquia social. Não importa ser rico, pobre, negro ou branco, todos têm os mesmos direitos de usufruir da casa. Lá é o lugar de encontrar os amigos e os sonhos que um dia foram sonhados e ficaram esquecidos; de se ter liberdade de expressão e de jogar fora os “filtros” que a sociedade coloca nas pessoas como forma de controle. Cada um tem o direito de ser quem é, sem precisar se adequar ao que é socialmente aceito ou não.

Tal fuga, entretanto, não deve ser vista simplesmente como válvula de escape, e sim como uma forma de se distanciar para, a partir daí, confrontar-se com seus medos interiores e formar sua identidade.

Alexandre e Augusto se assemelham a Sherazade: usam suas histórias como um meio de sobrevivência. A cada dia, antes de dormir, recriam suas fantasias para trabalhar a dureza do cotidiano, compartilhar seus medos e, acima de tudo, para evitar a morte de seus sonhos. A casa da madrinha é o oposto da casa da favela: há cores, conforto, aconchego, comida. É o lugar que simboliza o distanciamento das personagens de sua realidade difícil, permitindo a criação de um universo simbólico que lhes possibilite trabalhar os conflitos internos que os afligem.

Não é apenas Alexandre e o irmão que embarcam na fantasia para driblar a realidade. Vera, apesar de estar em um lugar social privilegiado, também usa a imaginação para não se afastar de seu novo amigo. Galopando no cavalo amarelo de rabo laranja, a menina viaja com Alexandre para a tão sonhada casa da madrinha. Lá também é seu lugar de liberdade, de não ter horários rígidos para tudo e onde o controle dos pais não a alcança. Com sua liberdade cerceada, Vera também sofre por ser criança.

O imaginário é utilizado como elemento capaz de transpor as fronteiras do real e fornecer recursos para que a criança forme sua personalidade por meio de sua força criadora, que seja capaz de reinventar seu espaço, as situações do dia a dia e a si mesma. O jogo imaginativo não deve ser utilizado como forma de desviar a criança dos seus verdadeiros problemas, como um fator de alienação do real, e sim ser um meio de revelação, superação e reconhecimento de suas angústias, receios e incertezas.

No livro *A casa da madrinha*, o imaginário é explorado em toda sua potencialidade. Não é um mero adereço, pois sua função é o autoconhecimento, o entendimento dos fatos do cotidiano, uma maneira de Alexandre desenvolver sua percepção, sua relação com o mundo e oferecer pistas de reflexão sobre a vida, a sociedade e seu papel como pequeno cidadão.

Com a fantasia, o garoto consegue vislumbrar outras possibilidades, abrir as portas que irão ajudá-lo na compreensão do real e na busca por um futuro feito com escolhas próprias. Seu jogo do imaginário desconstrói conceitos difundidos na sociedade e transgride normas e valores impostos, inclusive sobre qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Ao final, Alexandre está mais forte, mais confiante e certo de que poderá traçar seu próprio destino:

— Que legal, agora vou viajar com a chave da casa no bolso; não vou ter mais problema nenhum. Lembra o que o Augusto falou?

[...]

— Ele disse que no dia que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim. – Riu. — Já pensou? Agora eu posso viajar toda vida. Quando o medo bater eu ganho dele e pronto. (CM, p. 166)

Para muitas crianças como Alexandre, o futuro costuma ser sombrio e cruel. As que não conseguem encontrar uma saída pelas vias do imaginário, acabam sendo levados para o crime, a prostituição e a única forma de se afastarem da realidade é por meio das drogas.

Queirós (2002, p. 160) expõe seu ponto de vista sobre a fantasia da seguinte forma: “Acredito pois que crescer é mais perder do que ganhar. Criar, assim pensando, é a única maneira de preservar a juventude. Vivo numa sociedade que não encara a fantasia como o mais profundo do ser”.

O pequeno leitor é alguém que busca sua própria identidade e uma maneira saudável de se relacionar com o mundo adulto. A literatura de Lygia Bojunga possibilita, de forma lúdica, uma abordagem crítica da realidade social e uma reflexão acerca da importância da fantasia não como fuga da realidade, mas como peça fundamental no processo transformador e mobilizador da vida. Afinal, tanto a produção literária quanto a leitura são formas de “fantasia”, uma vez que ambas representam a criatividade, a espontaneidade e a liberdade.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. *A casa da madrinha*. 19. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOTTERMANN, Clarice. *Escrever para armazenar o tempo: arte e morte na obra de Lygia Bojunga*. Tese (Doutorado em Letras). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Literatura: leitura de mundo, criação de palavra*. In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a literatura: complexidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

SANTOS, Ludimilla Oliveira dos. *Na Corda Bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras – Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Brasília – DF: Universidade de Brasília, 2006.